

Igreja da Misericórdia: um modelo de preservação patrimonial

Ana Paula FERREIRA DE BRITO*;
Michelle LIMA DA SILVA*

RESUMO

Com uma arquitetura diversificada e uma originalidade única, a Igreja da Misericórdia é um nítido exemplo de uma verdadeira forma de preservação patrimonial. Visto que na mesma, além de ser restaurada mantêm em funcionamento suas atividades religiosas diariamente. Com isso podemos ver na mesma um modelo de uma verdadeira forma de preservação patrimonial. Exemplificando que não basta apenas tomar e restaurar, é necessário conservar o patrimônio e memória social da mesma. E essa memória se apresenta de diversas formas, que se estendem desde seu fundador Duarte Gomes da Silveira aos jazigos presente no local.

PALVARAS CHAVE: Modelo; Preservação; Patrimônio; Revitalizar.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo enfatizar a discussão patrimonial na Paraíba focalizando a história da Igreja da Misericórdia que situa-se na rua Duque de Caxias, S/N, Centro, João Pessoa, Paraíba. Esta vem trazer-nos uma abordagem sobre o passado histórico da mesma, além de nos possibilitar conhecimentos sobre sua estrutura arquitetônica, sua restauração e uma reflexão patrimonial.

É de fundamental importância analisar o patrimônio cultural, pois a igreja traz uma herança cultural de valor inestimável e memorável. Ainda sobre moldes antigos, o que a pouco veio sendo resgatado foi a valoração de uma verdadeira preservação patrimonial, visto que a mesma além de passar pelo processo de

* Graduandos em História pela Universidade Federal da Paraíba

restauração material mantém viva uma preservação cultural, uma vez que as cerimônias religiosas continuam a serem realizadas dentro do monumento.

Analisando sobre o patrimônio vemos que esta palavra significa “bens ou conjuntos de bens culturais ou naturais de valor reconhecido por determinada localidade ou região” * derivada do latim. Foi criado na França, no séc. XIX, estava associado à idéia de representação dos bens materiais, monumentos relacionados com a alta sociedade. No século XX lhe é atribuído novas dimensões, como a preservação de tudo o que tenha importância para a preservação da memória social e cultural. Logo, um conjunto de bens culturais que possuem alguma importância no setor arqueológico, paisagístico, etnográfico, histórico e de belas artes. Podem se apresentar através de bens móveis e imóveis.

Essa consciência patrimonial entrou no Brasil no século XX, como uma característica da construção da identidade nacional, tão importante para época. Quanto a o que poderia ser considerado um patrimônio, a resposta caminha com uma amplitude bem maior que a imaginada, pois o patrimônio funciona, ou pelo menos deveria funcionar como uma ponte que nos leva diretamente a memória, que por sua vez nos remete ao passado. Sua extensão vai desde documentos, acervos museológicos, bibliográficos, videográficos, fotográficos e outros.

A necessidade da construção e manutenção da identidade nacional e regional no Brasil foram caminhos importantes para a construção da consciência patrimonial. Que buscava no passado colonial elementos justificativos da preservação e identidade nacional. Buscou-se então, elementos que substanciassem a cultura nacional. Incia-se então um mapeamento do que deveria ser preservado, para tanto, no Governo de Getúlio Vargas (1930-1945) criou-se o Instituto de Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (IPHAN), que objetivava preservar os patrimônios históricos e culturais do país.

Na Paraíba, o patrimônio vem sendo referenciado através do IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba), criado pelo Decreto Estadual nº5.255 em 31 de Março de 1971 durante o governo de Ernani Sátyro, objetivando preservar os bens culturais do Estado, que não se encontravam sob a proteção do IPHAN.Regulamentado e instalado em 1974, para que em 1982

fosse tido como Órgão de Execução Desconcentrada. Sua sede é um imóvel tombado e restaurado em 1980 pelo Governo do Estado e Ministério da Cultura.

Maria Clementina da Cunha, historiadora da UNICAMP, fala que esse resgate realizado pelo patrimônio é também “importante para resgatar o passado e uma noção de cidadania do povo, subtraída pela memória instituída”.

“O patrimônio é dividido em três grupos. São estes: elementos pertinentes à natureza; elementos não tangíveis (compreende toda a capacidade de sobrevivência do homem no seu meio ambiente); e os bens culturais que reuni todo tipo de bem, proveniente do meio ambiente e do saber fazer”.

Carlo A. C. Lemos(O que é Patrimônio Histórico)

Logo podemos concluir que a definição de Patrimônio é ampla e dispõe de respostas longas, onde podem ter nivelamentos de historiadores, ambientalistas, geógrafos, arqueólogos entre outros profissionais.

Resumidamente podemos considerar como sendo Patrimônio, todo e qualquer bem, seja ele de valor tangível ou não-tangível, que possa resistir ao passado, transpor as cadeias do presente e ultrapassar as barreiras do futuro, tendo algum valor para um povo, remetendo a estes o passado e toda a memória circunscrita nele. Não devendo restringir o patrimônio a bens móveis e materiais, como se fazia antes de 1980. Todavia deve-se ampliar este conceito sem esteriótipos e conceitos pré-concebidos estimulados por uma visão que abrange exclusivamente os interesses do mercado de consumo, maquiando o patrimônio cultural para ofertá-lo como uma mercadoria. Não se esquecendo que “o patrimônio é interligado diretamente com a cultura, que por sua vez é uma herança comum para toda a humanidade” (KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. Os rituais de tombamento e a Escrita da História).

Tendo monumentos intencionais, que se configuram em obras destinadas à memória, e monumentos não-intencionais que são importantes pelo que representam no presente.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA MISERICÓRIDA

Ao estudar sobre as origens das igrejas da cidade de João Pessoa, em especial as que compõem o Centro Histórico da mesma, podemos ver que os patrimônios são construídos geralmente por uma ordem religiosa. Seja dos Jesuítas que criaram o Seminário junto à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, os Franciscanos que fundaram o convento de Santo Antônio e a Igreja de São Francisco, os Beneditinos que deram início ao Mosteiro de São Bento, os Carmelitas que criaram a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e a Capela de Santa Tereza D' Ávila. Logo, pressupõe-se que a Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia também proveria de algumas dessas ordens religiosas, mas não exatamente.

A Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia descende das Santas Casas de Misericórdia, estas que são criadas por D. Leonor, viúva de D. João II e irmã do então Monarca D. Manuel II. A Irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia é fundada em 15 de Agosto de 1498 na Capela de Nossa Senhora da Terra Solta, nos Claustros da Sé Patriarcal. O Papa Alexandre VI em 1499 regeu e instituiu as quatorze obras de misericórdia que deviam ser seguidos pelos irmãos, devendo servir de modelo para todas as Misericórdias do país. Estas Santas Casas deveriam atender as viúvas, os órfãos, os pobres, as crianças enjeitadas e a todos que necessitassem de ajuda. Na Filipéia de Nossa Senhora da Neves, o Hospital da Santa Casa, também chamado de Hospital da Caridade, funcionava atrás da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, de frente a Rua Visconde de Pelotas, isso no século XVII. Devido a inúmeros fatores o hospital foi demolido em 1924, onde foram edificadas imóveis para aumentar os recursos da Irmandade.

Na segunda entrada do Ouvidor Geral Martim Leitão à Filipéia de Nossa Senhora da Neves em 1585, trouxe consigo famílias, soldados e padres da Companhia de Jesus. E entre essas pessoas, veio Duarte Gomes as Silveira. Que representou muitíssimo para o povoamento da Capitania da Paraíba. Participou de expedições chefiadas por Martim Leitão contra os Franceses por disputas por pau-brasil. Em 1630 participou da luta contra os Holandeses, contribuindo para a construção do Forte Santo Antônio, na margem oposta de Cabedelo.

A data da construção da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia é bastante discutida entre os pesquisadores do assunto por ter desaparecido os arquivos durante

a Invasão Holandesa. Em muitas fontes vemos que esta se reporta para o ano de 1602. O historiador Maximiano Machado afirma em sua “História da Província da Paraíba” que a construção do Hospital da Santa Casa de Misericórdia teve início em 1602. Surgem então várias colocações quanto à data da construção. Cônego Florentino Barbosa decodifica a afirmação acima ao relatar citações de Bento Teixeira Pinto que afirma em “Diálogo das Grandezas do Brasil” que a obra da Santa Casa de Misericórdia estava quase acabada em 1618. Concluindo Cônego Florentino que Maximiano Machado estivera enganado quanto à datação da construção da Igreja da Misericórdia, visto que o Hospital da Santa Casa de Misericórdia é construído atrás da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia e já estivera acabado em 1618, logo a edificação da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia fora iniciada em 1602 ou até antes em 1590, compartilhando deste pensamento o Desembargador José Ferreira de Novais.

Há ainda muitas contradições quanto ao fundador, na maioria das fontes veiculadas ao público, quer seja através de recursos eletrônicos como a internet, quer seja em livros nas bibliotecas públicas, muitos historiadores reportam a Duarte Gomes da Silveira a fundação e custeamento único da construção da Igreja da Misericórdia. O Desembargador José Ferreira Novais discorda fundamentando-se na perspectiva de que até 1600 e após essa época, Duarte Gomes estivera ocupado com a colonização da Paraíba e seus engenhos. Já Cônego Florentino, bem como Irineu Pinto acreditam que a ocupação de Duarte Gomes com a administração de seus negócios não o inibiam da fundação da Igreja da Misericórdia. Uma vez que este poderia ter reportado o plano de obras a pessoas de sua confiança para sua execução. E quanto ao custeio, ambos concordam que Duarte Gomes não custeou sozinho a obra, todavia contribuiu com onze contos de réis.

A Igreja da Misericórdia é uma das igrejas mais antigas da cidade de João Pessoa, sendo a única que possui sua fachada original, bem como boa parte de seu interior. Foi matriz algumas vezes como em 1635 com a Invasão Holandesa, como escreve sr. João de Lira Tavares em “História da Paraíba”. Isso se dava à medida que a Igreja Matriz passava por reformas ou necessitava de reparos, não que tenha sido feita com uma intencionalidade de ser matriz. Através da arquitetura podemos ver

isso, à medida que a mesma não possui torres como as igrejas que eram construídas para serem igrejas matrizes. Localizada a Rua Duque de Caxias, no Centro, foi o primeiro monumento tombado pelo IPHAN na capital paraibana, em 1938.

Sua arquitetura hoje é uma mescla do maneirismo principalmente em sua fachada que não possui adornos nem ornamentações tão pretensiosas como as do Barroco, mas sua finalidade era proteção, e de fato era um lugar seguro. Nas janelas frontais também se apresenta o estilo maneirista. Nas janelas laterais podemos ver o Barroco com todos seus detalhes e contornos. Encontra-se também o estilo Neo-Clássico no Altar do Santíssimo, na parte central da igreja.

RESTAURAÇÃO

A palavra restaurar tem vários outros adjetivos consoantes a mesma. E a principal em significação destas outras derivações da palavra restauração no patrimônio é a revitalização. Nos dias atuais faz-se necessário decodificarmos os códigos do patrimônio quanto a sua prática. Analisando além do patrimônio tangível, o patrimônio intangível. Preservar o patrimônio da cultura, e sua dinâmica. Mas se pergunta: Como preservar uma dinâmica? A resposta vem com o exemplo da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, que no presente possui outros códigos, todavia atinge seu espaço de consumo.

Além da restauração material do monumento, a igreja passou por um processo de revitalização. Pois não adianta apenas se tombar um prédio, é necessário restaura-lo senão com o passar dos anos de nada terá adiantado a intervenção advinda do tombo. Mas também apenas tombar e restaurar não são o suficiente, visto que a conservação da materialidade conservará apenas a visualização arquitetônica do prédio. E onde ficará a conservação de sua função, as características usuais de suas práticas? É claro que nos dias atuais não podemos mais dar ao monumento as mesmas funções do passado, mas podemos dar-lhes outros códigos, acrescentando de significados que sejam significativos para a cultura e população.

A Igreja da Misericórdia passou por um longo processo de restauração pelos alunos da Oficina-Escola de João Pessoa. Uma pesquisa histórica e patrimonial foi realizada antes do início da restauração pelas arquitetas responsáveis, com duração média de um ano de pesquisas sobre a igreja, para que a restauração fosse realizada a manter a originalidade do monumento. Este foi um projeto da Comissão Permanente de Revitalização do Centro Histórico João Pessoa e recursos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em conjunto com a Agência Espanhola de Cooperação Internacional – AECI, Governo do Estado da Paraíba e Prefeitura Municipal de João Pessoa.

As obras foram concluídas no final do primeiro semestre do ano de dois mil de sete, com uma estimativa de gastos entre R\$ 342 e R\$ 400 mil reais. As arquitetas responsáveis optaram por manter a maior quantidade de características do estilo maneirista possível. Visto que pouco se tem a respeito do mesmo e o fato de ter sido a arquitetura original da igreja. Todavia admitem elas que analisavam também a estética do monumento, e o fato de a mesma ter passado por diversas reformas durante suas atividades originais, respondem aos vários tipos de estilos encontrados na arquitetura do prédio.

Antes da restauração o forro ostentando medalhão onde é representado a Virgem de Misericórdia, encontrava-se repintado por duas camadas de tinta à óleo, intermediadas por duas camadas de base conforme prospecção. Uma camada de verniz apresentando acelerado processo de oxidação cobria toda pintura do medalhão, escondendo suas verdadeiras cores, durante a restauração houve uma tentativa de preservar o máximo da arquitetura original remetida ao estilo Maneirista. A tribuna da nave apresentava ornatos em estilo Barroco em Cantaria. O gradil em ferro do Hospital da Santa Casa de Misericórdia demolido na década de trinta, era utilizado como guarda-corpo, foi substituído por madeiral.

O forro que cobre a nave e o coro da igreja, construído em tabuado de cedro com policromia em tempera magra, do qual é desconhecida a autoria e época, encontrava-se comprometido em sua estrutura física e leitura visual por apresentar repintura, oxidação de verniz e pregos, apresentava fungos e cupins, perdas, empenamentos e rachaduras.

De modo geral a igreja recebeu intervenções nas fissuras de alvenaria, correção na antiga sacristia, prospecção na capela salvador do mundo, afloramento da

estrutura em pedra calcária na área central, remoção mecânica na repintura no arco do cruzeiro e da segunda camada aplicada de pintura sobre a pintura. Além da cobertura de teto, nivelamento das estruturas e execução de parafusos para a cobertura da capela-mor. Sendo este projeto ratificado pelo processo de tombamento do núcleo urbano original da cidade, que se encontra em andamento. Sendo esta revitalização um projeto amplo, que visa todo o Centro Histórico de João Pessoa, fruto de 20 anos de parceria entre o IPHAN e a AECI, com os apoios dos governos.

E esta parceria tem rendido um excelente legado histórico e arquitetônico para a humanidade, além de formar alunos na Oficina-escola (mais de 86, na localidade). Tais alunos são dos cursos de Arqueologia, Jardinagem, Serralharia, Marcenaria e Alvenaria.

Acontecem diariamente missas na Igreja da Misericórdia, e suas portas encontram-se sempre abertas no período diurno para a população que deseja entrar, rezar, deixar suas orações e votos, acender velas junto aos jazigos que guardam restos mortais de familiares e amigos, conhecer a capela Salvador do Mundo onde estão depositados os restos mortais de Duarte Gomes da Silveira. Este que foi um importante senhor de engenho, bem como um dos responsáveis pela fundação e construção da capitania, e da própria igreja neste abordada.

A igreja além de ter tantas funções religiosas, por ser localizada no meio do comércio da cidade de João Pessoa, entre prédios modernos e ruas movimentadas, a igreja também possui um caráter de segurança para a população que circula entre seus arredores. Originalmente a Igreja da Misericórdia tinha a roda dos enjeitados, que eram tratados pela Santa Casa de Misericórdia que ficava atrás da Igreja. Mesmo já sendo desativada, ainda neste ano de dois mil e oito foram abandonadas duas crianças em frente à roda dos enjeitados na frente da Igreja.

Vemos, portanto quão importante é revitalizarmos verdadeiramente nosso patrimônio, como foi feito na Igreja da Misericórdia, que rompe com a materialidade e transpõe a dinâmica. Conservando o patrimônio da cultura também contido naquele ambiente tão representativo para a capitania da Paraíba, bem como para a religiosidade paraibana. Representando as Santas Casas na Paraíba, que a separa das demais igrejas da Paraíba, que em sua grande maioria descendem das ordens religiosas predominantes. Quer seja Carmelita, Jesuíta, Franciscana ou beneditina. Fato este que lhe confere mais originalidade e importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho mostra-nos a importância de uma verdadeira preservação. Fato nitidamente notório na igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, sendo um verdadeiro exemplo de uma preservação patrimonial, visto que a mesma mantém uma originalidade conservada ao máximo, graças às restauradoras que trabalharam no projeto e objetivaram manter ao máximo a originalidade da Igreja, além de manter no presente atividades religiosas.

Logo podemos concluir que não basta apenas restaurar um patrimônio, é necessário ir muito mais além do que sustentar as paredes e arquitetura de um monumento. É preciso ter uma consciência histórica e patrimonial e conservação cultural do patrimônio. Vê-lo como um prédio, mas também e principalmente vê-lo com a importância que o mesmo traz impregnado. Sua importância social, cultural, religiosa e outras.

É preciso conservarmos nosso patrimônio e fomentarmos sua discussão, visto que somos os herdeiros deste imenso e imensurável patrimônio que nós é tão precioso. Desvinculando nossos objetivos exclusivamente para fins turísticos, como muito se tem feito. Todavia destacar nosso patrimônio com um ideal de valorização e conservação histórica e cultural. Pois se não o fizermos, quem conservará um patrimônio adormecido e não estudado.

BIBLIOGRAFIA

CARLOS, A. C. Lemos. **O que é patrimônio Histórico**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

In: **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico, 1992.

LE GOFF, Jacques, **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

MACEDO, Carlos. **Guia Mais João Pessoa**. Guiamaiscomunicação. João Pessoa, 2008

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. **Os Rituais de Tombamento e a Escrita da História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

BARBOSA, Cônego Florentino.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Setembro de 1995.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, Maio de 2001.

www.iphan.com.br , acessado em 12/05/2008

www.auniao.com.br , acessado em 15/05/2008

www.comciencia.br , acessado em 18/06/2008